

DESEMPENHO RECENTE DO MERCADO DE AÇÚCAR E ÁLCOOL

Regina Junko Yoshii¹

A safra paulista 1995/96 de açúcar encerrou com produção de 7.244 mil toneladas (dado preliminar), representando um aumento de 8% em relação à passada, de 6.706 mil toneladas. Este resultado superou em quase 14% o volume autorizado para o Estado de São Paulo, que era de 6.368 mil toneladas.

A produção de álcool, na safra 1995/96, de 8,1 bilhões de litros, foi 7% menor do que a anterior de 8,7 bilhões e ficou aquém do volume autorizado pelo Governo Federal, que era de 8,5 bilhões de litros (Tabela 1).

Nas cinco últimas safras, a produção total de álcool foi, em média, de 8,3 bilhões de litros, variando no intervalo de 7,9 a 8,7 bilhões de litros, refletindo-se na taxa média anual de crescimento negativo da produção do Estado, de - 0,2%. Nos primeiros dez anos, após a criação do Programa Nacional do Álcool (1975/76 a 1985/86), houve um crescimento vertiginoso da produção, com taxa de 33,6% a. a., enquanto no período 1986/87 a 1990/91, a taxa de crescimento caiu para 5,5% a. a..

Por outro lado, o desempenho da produção de açúcar foi diferente da do álcool. Até 1990, a taxa de crescimento anual pode ser considerada irrisória (0,7%) diante dos 14,1% verificados no período 1991/92 a 1995/96. De uma produção de 4.565 toneladas em 1991/92, passou para 7.244 toneladas em 1995/96. Na safra 1975/76, ano de implantação do PROÁLCOOL, a produção paulista foi de 2.869 toneladas, ou seja, 40% da atual.

Os problemas de financiamento da produção causados pelos sucessivos planos econômicos ocorridos no período de 1986 a 1994, somando-se à questão da política de juros elevados, e os tremendos impactos sobre a agroindústria de características sazonais provocaram efetiva descapitalização das empresas do setor.

A queda na produção de álcool vem se dando fundamentalmente em função da falta de

uma política de longo prazo para o setor. As dificuldades no atendimento à crescente demanda interna de álcool levaram à flexibilização do mercado de produtos do setor, com importações de álcool e a criação da chamada mistura MEG (33% de metanol, 60% de etanol e 7% de gasolina). As importações do metanol, que passaram a ser realizadas exclusivamente pela Petrobrás, vem dando segurança ao sistema de abastecimento de álcool, à medida que permite flexibilidade ao modelo de produção e atendimento aos mercados.

A partir de 1990, o Estado passa a ampliar as exportações de açúcar, como chave para a questão do financiamento da produção e geração de divisas. A necessidade de exportar açúcar, como forma de financiamento da produção, marcou o retorno importante da Região Centro-Sul do Brasil ao mercado internacional do açúcar, onde a queda na produção cubana e de outros países importantes realçaram a extrema competitividade brasileira nesse campo.

De 1991/92 a 1995/96, a expansão da produção paulista de açúcar foi de quase 60%, ou seja, 2.679 toneladas. Esse período coincide com o início das exportações paulistas, que evoluíram de 318 mil toneladas para 3.056 mil toneladas. A participação de São Paulo nas exportações brasileiras, cujo início se deu na safra 1990/91 com 12 mil toneladas provenientes de apenas uma usina, foi de cerca de 20% na safra 1991/92 (coincidindo com o ano em que as exportações brasileiras atingiram o mais baixo nível nos últimos dez anos). Já na safra 1995/96 (ano de pico das exportações no mesmo período), representou cerca de 64% do total das exportações (Tabela 2).

A significativa participação da Região Centro-Sul também é apresentada no quadro a seguir, onde a evolução de 20% para 71% em cinco anos é substancialmente explicada pelas exportações paulistas no período.

O significativo crescimento da produção e das exportações de açúcar está altamente relacionado à recuperação dos preços no mercado internacional, o que impulsionou os produto-

¹Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Produção de Açúcar e de Álcool, Autorizada e Realizada, Estado de São Paulo, 1991/92 a 1995/96

Safr	Açúcar			Álcool		
	Autorizado (mil t)	Realizado (mil t)	Aut./Real. (%)	Autorizado (bilhões l)	Realizado (bilhões l)	Aut./Real. (%)
1991/92	3.900	4.565	117,0	8,2	8,6	104,9
1992/93	4.060	5.000	123,1	8,6	7,9	91,9
1993/94	5.127	5.597	109,1	8,4	8,3	98,8
1994/95	4.945	6.706	135,6	8,6	8,7	101,1
1995/96	6.368	7.244	113,7	8,5	8,1	95,3

Fonte: Associação das Indústrias de Açúcar e de Álcool do Estado de São Paulo (AIAA).

TABELA 2 - Exportações de Açúcar, Brasil, Região Centro-Sul e Estado de São Paulo, 1991/92 a 1995/96

(mil toneladas)

Safr	Brasil (A)	Centro-Sul (B)	São Paulo (C)	B/A (%)	C/A (%)	C/B (%)
1991/92	1.607	318	318	19,7	19,7	100,0
1992/93	2.425	883	883	36,4	36,4	100,0
1993/94	2.861	1.667	1.511	58,2	52,8	90,6
1994/95	4.178	2.567	2.385	61,4	57,1	92,9
1995/96	4.800	3.422	3.056	71,3	63,7	88,7

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e AIAA.

res a aumentar a produção (Figura 1).

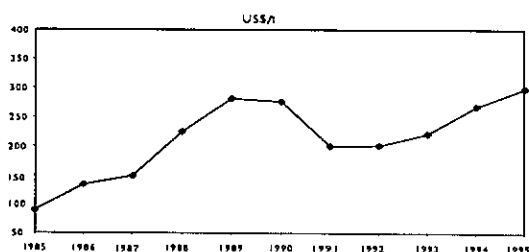


Figura 1 - Médias Anuais das Cotações de Açúcar Demerara no Mercado Internacional, 1985 a 1995.

Fonte: USDA.

O setor privado vem atuando cada vez mais ativamente para viabilizar o atendimento do mercado interno através das suas entidades de classe, particularmente a partir do Governo Collor, com a extinção do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), órgão subordinado ao Ministério da Indústria e do Comércio (MIC). As avaliações levadas a efeito pelo setor, numa tentativa constante de interação com as entidades governamentais, caracterizam a necessidade de ações voltadas a dar continuidade aos ganhos de produtividade e proporcionar segurança ao

abastecimento interno do álcool carburante.

Ao final da entressafra na Região Centro-Sul, os consumidores defrontaram-se novamente com a possibilidade de faltar álcool hidratado, de cujo abastecimento depende uma frota de mais de 5 milhões de automóveis no País, fato este já ocorrido em passado recente.

Novamente, cogitou-se a diminuição do percentual de mistura do álcool anidro à gasolina, que hoje é de 22%, para 12%, para aliviar a demanda por este tipo de álcool e direcionar maior produção para o hidratado. Mencionou-se, até, a possibilidade futura de se produzir apenas álcool anidro para mistura, descartando-se o combustível único, esbarrando, porém, no abastecimento da atual frota existente.

O início das atividades em algumas usinas no Estado de São Paulo foi antecipado para não comprometer o abastecimento do combustível, que era iminente em algumas regiões. Estoques de segurança de mais de 2 bilhões de litros na passagem das safras fazem parte da história do PROÁLCOOL. Atualmente, tapam-se os buracos, ora com importações de álcool, ora com metanol, ora com a diminuição do percentual de mistura do álcool anidro à

gasolina em regiões menos poluídas.

A partir de 2 de abril de 1996 houve um aumento dos preços dos combustíveis, contrariando a decisão política de reajuste antes de completar um ano. Simultaneamente, aos produtores de cana foi concedido reajuste de 13,35%. O último reajuste de preço da matéria-prima havia sido concedido em 27 de setembro de 1995, quando a tonelada de cana passou a valer R\$13,94, já a partir de abril passou para R\$15,80. Aparentemente este percentual não foi suficiente, pois o setor já trabalhava com defasagem de preço em relação ao custo de produção superior a 20%.

Dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA) indicam produção de 175,6 milhões de toneladas de cana para corte na safra agrícola 1995/96, segundo o levantamento preliminar de fevereiro de 1996. Este número indica aumento de cerca de 1% em relação aos 174,2 milhões de toneladas produzidas na safra anterior, apontando um possível aumento na produção de açúcar e de álcool na safra industrial 1996/97.

Segundo a Associação das Indústrias de Açúcar e de Álcool do Estado de São Paulo (AIAA), a safra deste ano será a maior da história do setor no Brasil, superando em cerca de 8% a safra do ano passado, com 270 milhões de toneladas colhidas no País. A entidade prevê que a maior parte dessa produção deverá atender à demanda interna de álcool combustível, sendo que a produção de açúcar deverá igualar à de 1995.

Com produção nacional de 12,4 milhões de toneladas de açúcar e 12,5 bilhões de litros de álcool, o recorde previsto na produção de cana deste ano poderá resultar num crescimento da produção total de álcool da ordem de 11,2%. A de açúcar deverá repetir o mesmo nível do ano passado, assim como as exportações, pois acredita-se que algumas empresas produzirão álcool anidro nesta safra para atender à crescente demanda interna, em detrimento da produção de açúcar.

O mercado mundial obteve um ínfimo superávit de produção ainda na safra 1994/95, após dois anos seguidos de déficit, sinalizando a possibilidade de reconstrução dos estoques mundiais e aumento da relação estoques/consumo na safra 1995/96, cuja produção deverá atingir o recorde de quase 118 milhões de toneladas em função de aumentos na produção provenientes de importantes países produtores, tais como o Brasil, Cuba, União Européia (UE),

China e outros. A gradativa recuperação dos estoques mundiais, se persistir, poderá elevar a cotação do produto, alterando a tendência da oferta mundial do açúcar, no curto e médio prazos.

Os produtores brasileiros parecem já ter se conscientizado das perspectivas de curto prazo e estão tentando adaptar sua produção para atender, tanto o mercado mundial do açúcar quanto a demanda interna do álcool. No entanto, persiste a principal reivindicação do setor que é a eliminação de defasagens existentes entre custo de produção e preço, definindo metas de ganhos de produtividade com a qual o setor sucroalcooleiro se comprometeria, com a garantia de que uma política realista seja mantida ao longo do tempo.